

ARTIGO REF: 6811

FLORESTA MEDITERRÂNICA: A INEVITABILIDADE DA MULTIFUNCIONALIDADE

José Mira Potes^(*)

Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior Agrária (ESAS/IPS), Santarém, Portugal

^(*)*Email:* josemirapotes@gmail.com

RESUMO

Acabamos de passar por mais um Verão com mais de 100.000ha de área florestal ardida e as cíclicas (para não dizer anuais) análises, diagnósticos, reflexões, propostas, políticas, estratégias, promessas e enfim, desilusões!

Os sábios ensinamentos do Prof. Mariano Feio (1991) foram muito precisos e concisos: o clima Mediterrânico, caracterizado por um Verão quente, longo e seco e uma queda da precipitação outono/invernal/primaveril muito irregular, é o único clima da Terra onde não chove no Verão. Ainda no âmbito da Mesologia, fomos também alertados para o facto da baixa capacidade de uso dos solos mediterrânicos, não só decorrente deste particular regime climático, como ainda conjugado com o facto de se tratar do “berço” da civilização, isto é, a região da Terra onde há mais tempo se pratica a agricultura de forma sedentária e cada vez mais intensificada/mecanizada, justificando assim nesta associação de condicionantes a fadiga/depauperamento dos actuais solos mediterrânicos.

A caracterização da Floresta Mediterrânica é decorrente deste ambiente específico e de acordo com os nossos mestres silvicultores (Alves et al, 2012) é predominantemente constituída por um estrato arbóreo menos especializado na produção de lenho (madeira), mas evoluído para a resistência à secura, através de epidermes protectoras/isolantes (cortiça), ou redução da evapotranspiração por mecanismos fisiológicos e texturais das folhas permanentes, ou ainda vocacionado para a produção de fruto (bolota), expressando-se claramente tais processos na família das quercíneas, com particular relevo para o Sobreiro e a Azinheira.

Quanto ao estrato arbustivo observam-se plantas de múltiplos caules e bastante lenhificados, com raízes profundantes capazes de encontrar os escarços recursos aquíferos estivais nas camadas mais profundas do solo, folhas com substâncias protectoras e redutoras da evapotranspiração durante o verão, mas de constituição química de natureza inflamável e produtoras de sementes muito duras, que se fazem representar sobretudo na família das cistáceas, com especial expressão em Estevas e Saragaços.

O estrato herbáceo é diminuto, inerente ao desenvolvimento arbóreo e arbustivo e, quando consegue prevalecer, é constituído por plantas anuais de ressementeira natural, que evoluíram no sentido de passar o estio sob a forma de semente, única solução para resistir ao verão quente, longo e seco numa planta que não possui capacidade de armazenamento de reservas para tão longo e irregular período.

Uma conclusão evidente é desde logo extraída desta caracterização do ambiente Mediterrânico: *os incêndios estivais na Floresta Mediterrânica fazem parte da evolução natural da mesma e estão dependentes da carga de combustível presente (matos) e das condições naturais de ignição, decorrentes do rigor do verão (altas temperaturas e reduzida humidade atmosférica).*

Mais, quando ocorre o incêndio é consumida a biomassa arbustiva (podendo ocasionalmente resistir uma ou outra árvore), mas o que também é combustado é a Matéria Orgânica (MO) que reveste o solo, a qual reduz consideravelmente a capacidade produtiva do mesmo, que ao ficar desprotegido irá sofrer da erosão física decorrente das precipitações outono/invernais irregulares, acentuando a respectiva degradação. Resta assim um eventual banco de sementes duras de espécies arbustivas, as quais, num ciclo de desenvolvimento de uma dezena de anos estarão novamente em condições de risco de incêndio.

Perante este quadro natural desenvolveu-se uma agricultura mediterrânica baseada no controlo da flora arbustiva, para contrariar a evolução dos ecossistemas no sentido da autodestruição. Para Potes (2011) estes são os fundamentos da implementação dos sistemas agro-silvo-pastoris mediterrânicos, antropológicos e que tão sabiamente têm prevalecido ao longo dos séculos.

Contudo, o controlo do estrato arbustivo podendo ser efectuado por via mecânica (sistemas de agricultura) ou biológica (sistemas de pecuária extensiva) tem demonstrado que é através do animal que mais eficientemente se mantém a qualidade produtiva do solo. Esta constatação reside na condição *sine qua non* de que não existe animal sem pastagem e vice-versa, sendo a pastagem a via mais eficiente na recuperação do solo, nomeadamente pelos efeitos directos nos incrementos de MO. Porém, o Esquema Alimentar da Pecuária Extensiva Mediterrânica exige a produção forrageira, sobretudo para conservação e garantia de suplementação nas épocas de insuficiência alimentar da pastagem, que praticamente só não ocorre na Primavera.

A conclusão é clara: o produtor florestal mediterrânico teve que evoluir para um agricultor que conjugando a produção florestal, agrícola e animal, implementou um sistema de rotações alargadas, para integração dos diversos sistemas de produção e respectivo maneio, a que se convencionou denominar de *multifuncionalidade*, criando sistemas de produção agro-silvo-pastoris adaptados a cada região, que no caso de Portugal adoptou a denominação de **Montado** e totalmente dependente da acção humana.

REFERÊNCIAS

- [1]-Alves, A.M., Pereira, J.S. e Correia, A.V. 2012. “Silvicultura - a gestão dos ecossistemas florestais” ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, ISBN: 978-972-31-1460-7.
- [2]-Feio, M. 1991. “Enquadramento” in “Clima e Agricultura” pub. Minist. Agricult., Pescas e Aliment., Lisboa, cap. II, pp. 17-56.
- [3]-Potes, J. M. 2011. “O Montado no Portugal Mediterrânico” ed. Colibri, Lisboa, ISBN: 978-989-689-154-1, pp. 177-178.